

# COMEDIA

INTITULADA:

SO O AMOR FAZ IMPOSSIVEIS.

Nella se representa o fatal successo

DA SERENISSIMA SENHORA

D. IGNEZ DE CASTRO,  
RAINHA DE PORTUGAL.

A U T H O R

SYLVESTRE SYLVERIO DA SYLVEIRA  
E SYLVA.

INTERLOCUTORES:

*El Rey D. Affonso.  
O Principe D. Pedro.  
Dona Ignex de Castro.  
Dona Branca, Infanta de Navarra.  
Egas Moniz.  
Alvaro Goncalves.*

*Pedroso, Porteiro do Paço.  
Machucho, creado de D. Pedro.  
Birgida, creada de Dona Ignex.  
Justina, creada de Dona Branca.  
Dous meninos, Affonso, e Dionysio.  
Acompanhamento.*

---

---

## LISBOA:

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

ANNO MDCCLXIV.

*Com todas as licenças necessarias.*

# COMEDIA

INTITULADA:

SÓ O AMOR FAZ IMPOSSIVEIS.

## ACTO PRIMEIRO.

VISTA DE SALA DO PAÇO.

*Sahe Pedrozo ridiculamente vestido de Corte, encotando as moscas dos paredes.*

*Pedr.* **X** O' daqui, não me comecem  
A fazer, como hontê, foscas:  
Nos Palacios só ha moscas,  
Que moscas mortas parecê.

Reparo em que me obedecem  
Os homens de bom cachaço  
Se daqui fahir os faço:  
Pois sou aqui guarda portaõ.  
E as moscas porque não?  
Porque? Porque ha mel no Paço. *Vay-f.*

*Sahe Dona Branca, e D. Affonso.*

*D. Af.* Saõ, bella Infanta, varios os cuidados,  
Que, ha dias, a alegria me tem preza.  
Quem ha, q' attêto veja aos Ceos nublados,  
É não suspeite irada a natureza:  
Vossa tristeza faz com que trocados  
Fossem meus gostos na fatal tristeza:  
Com que contemplo ao inal já diffundido:  
Que ao Reyno esse contagio tem ferido:  
Se em justa laudade se magõa  
O terno peito vosso contemplando  
De Navarra o que a fama nos pregõa,  
Da Patria os dons, q' sempre estaõ lembrã-  
Vossa prudencia taõ sublime võa, (do,  
Que nella posso ir considerando  
Sabeis que a tal Infanta dado tinha (nha.  
Por Patria a lórte o Reyno em q' he Rai-  
*D. Br.* Não tẽ, excelso Affõso, os meus peza-

Origem na faudade incompetente  
Se a fortuna, com glorias a milhares,  
Me brindou, por tirar-me huma sómente:  
Mas porque mais sublima os seus altares  
Nas victimas, que estaõ mais innocente:  
Dispõs-me em ditas taes o precipicio  
De leva-las commigo ao sacrificio.

Mil Reynos neste vosso conjecturo,  
Que grande Imperio o mundo se doado  
Pelo Alto Monarcha, Santo, e Puro.  
A'quelle Affonso em vós representado:  
Mas he-me taõ nocivo o fado duro,  
Que assãs advirto ter-se a mim negado:  
Porq' Esposa de Pedro sendo eleita, (ceita.  
Outra he mais digna, em ser-lhe mais ac-

*D. Af.* Não crer, Senhora, agora vos diria,  
Que ouço tal queixa em taõ discreta falla;  
Se não treme toda esta Monarchia,  
Se toda essa montanha não estala.  
Depois que o mundo ja reconhecia,  
Que nenhuma Princeza vos igua-la,  
Quem póde a lórte ver mais extremosa,  
Dando a Pedro mais clara, e digna Esposa:

Sabe a fortuna quanto lhe mereço  
Ser-me propicia em gosto taõ jucundo:  
Por isso a alegria, que interesse,  
Me quer lançar no cáos mais profundo.  
Assim a todos paga o grande excessõ,  
Com q' se applicaõ ás glorias deste mundo.  
Mas a que eu tenho em vós, Princeza bella;  
He do Ceo, q' quiz dar-me nessa Estrella.

Se Pedro no verdor da mocidade



Superfluos ramos brota , no conceito  
De alguém , o que se diz superfluidade  
Nãõ pôde ter-se em conta de defeito.  
Bem quizera que fosse á Magestade  
Assumpto , por ser Principe perfeito.  
Com hũ Anjo hũ Ceptro só bem se com-  
punha ,

E homem he nesta falta quem o empunha.  
Mas porque pode a fama temeraria  
Penetrar o sagrado labyrintho  
Do respeito , que em longa estancia varia  
Vossos ouvidos cerca : nãõ consinto  
Que nelle permanece esta adversaria :  
Vereis com brevidade que desminto ,  
Idéas , com que hum odio mal fundado  
Ouzou a profanar esse Sagrado.

D. Br. S6 se hũ milagre pôde obrar a sorte.

D. Af. Esse milagre vós sabeis fazê-lo ,  
Se , estando tal milagre nesta Corte ,  
Attrahe aos olhos todos a vir vê-lo ;  
E attractivo he ainda mais forte  
Daquelle , de q̃ he proprio hũ bẽ taõ bello.  
Quero assim disfarçar tal desventura , á p.  
Em quanto o meu cuidado este mal cura.

D. Br. Nada a descõfiança me desterra: chora.  
De meu desprezo estou já fabledora.

D. Af. Se derramais taes perolas por terra;  
Do Ceo, de que as tirais , sois roubadora.  
Nãõ choreis, bella Infanta: hoje esta guerra  
Vos Mostrará ao mundo triunfadora ;  
Eu nãõ socego já sem que primeiro  
Vos traga o amor de Pedro prisiõneiro.  
O' lá , porteiros !

Sahe Pedroxo.

Ped. Aqui está o mais velho ,  
Prestes , e lestres , tezo como hum alho ,  
Bem que a figura he de escaravelho.

D. Af. Chamai Musicos logo.

Ped. Esse trabalho á p.

He dos maiores que ha ,  
Eu os aparelho. a elle.

D. Af. A' Princeza divirtaõ ,  
Em quanto atalho a ella;

Vossa imaginaçãõ por este modo  
Logo vereis q̃ estais melhor de todo. Vaif.

Ped. Ah, Senhora, eu dissera-lhe hũa cousa,  
Se acafo me disser que quer ouvir-me,

D. Br. Ouvir-vos quero.

Ped. Pois cantar-me ouça ,

Que eu nisto de cantar posso medir-me  
C'o Sylva, c'o Fernandes, e c'o Souza :  
S6 hum papagayo pôde competir-me.  
Se me dá esta licença, bella Infanta ,  
Ha de saber q̃ ainda aqui está quem canta.

D. Br. Cantay embora.

Ped. Toque a sinfonia.

Canta Pedroxo.

Quem tem amores nãõ dorme ,  
Ainda sempre a imaginar  
Nas téas , que o amor urde ,  
Nas peças , que dellas faz.  
Dizem que he cego o magano ,  
E se isto assim he , será  
Por dar pancada de cego ;  
Adonde quer que elle dá.

Representa. Pois que tal : A cantata he me-  
nos má !

Se a Musica se fez para a alegria ,  
A minha he melhor de quantas ha .  
Pois nãõ ha quando eu canto quem nãõ ria.  
Aprendi solfa em Tunes c'um Baxá ,  
Que compôs varias Missas ao seu Santo :  
Por isso me arrenego quando canto.

D. Br. Se nãõ fora a molestia, que padeço:  
A solfa me alegrará na verdade.

Huma prenda gozais de muito preço.

Ped. Visto isso, trabaley para a Cidade.

D. Br. Nãõ duvido pagar taõ grande excessõ.  
Acompanhay-me. Vay-se.

Ped. No acompanhamento á p.

Vou com a voz buscar ao instrumento. V.

## VISTA DE JARDIM

Sahe Dona Ignez , e Birgida.

Brig. J A' cortei os Jasmims de Italia.

D. Ig. J Fizestes bem, que he flor esta

A que tenho antipatia ,  
Por ser branca , e de outra terra.  
No seu lugar planta rosas.

Birg. Nisso obras como discreta ;

Pois por picar aos jasmims  
Vens fazer sangue naservas.

Sãõ mudanças da fortuna ;  
Nãõ o estranhe a estancia amena ;  
Estime antes que o nevado

No purpuréo se converta.  
 Eu o tomo por Profecia,  
 Mas não aprendi a Profeta.  
 Huma flor, que he flor Rainha,  
 As outras flores desterra.  
 Que queres faça, Senhora,  
 Destas pobres açucenas ?

*D. Ig.* Deixá-las,  
 Que já agora estaraõ seccas:  
*Birg.* Angelicas não te agradaõ ?

*D. Ig.* Algum dia huma flor era,  
 Que eu punha no peito, hoje  
 Pouco apreço faço dellas.

*Birg.* E estas clavinas ?

*D. Ig.* Se forem  
 Clayinas, que amor carrega  
 Para vingar hum ciume,  
 Saõ estimaveis pela prenda.

*Birg.* Daquelles Narcizos gostas ?

*D. Ig.* Sim he flor muito perfeita;  
 Mas por ler desvanecida  
 Não a quero em competencias.

*Birg.* Aqui estaõ os bellos jacintos;

*D. Ig.* Com tal flor corôo a cabeça:  
 He a melhor flor de todas:  
 Porque he flor, e porque he pedra.

*Birg.* Não he preciso dizer-te  
 Aonde estaõ as perpetuas ?

*D. Ig.* Não, porque as trago no peito;  
 Onde hei de sempre trazê-las.

*Birg.* Aqui está a fonte mimosa,  
 Que os teus olhos por grandeza  
 Tanto tem enriquecido  
 De diamantes, e perolas.  
 A estas preciosidades  
 O Mondego; que as espera;  
 Prepara em aréas de ouro  
 O engaste de que as cerca.  
 Ellas muito mais merecem.  
 Eu, ainda assim, saber quizera  
 O mysterio com que choras  
 Cada vez que á fonte chegas.

*D. Ig.* Muitos affectos me obrigaõ,  
 Birgida, a que assim proceda:  
 De lagrimas esta fonte  
 Me parece que foi feita,  
 Choro, porque a saudade  
 Do meu bem, que adoro attenta;  
 Nella se me reproduz:  
 Novo vigor toma nella,

Vejo o crystal, que se áparta;  
 E vendo que lá me leva  
 O socego, com que o via,  
 Ponho-me a chorar de pena.  
 Em ver hum bem tranfitorio  
 O coração se me aperta,  
 Nunca cuido está seguro,  
 Sempre obfervo que se aumenta.  
 Tem o amor por inimiga  
 A imagem da imprefistencia,  
 Que quando o retiro busca  
 Vay atirar-lhe com settas.  
 Quero do meu bem que dure;  
 Quero que me permaneça,  
 E a fonte me dissuade  
 De que tal ventura tenha.  
 Nunca seus crystaes me envia;  
 Sempre de mim os affugenta:  
 Pois mal ao pertô mos mostra  
 Já para longe mos leva.  
 Faz-me instrumento a fortuna,  
 Porque o mal mayor me seja  
 Quando lhe augmento as agoas  
 De eu mesmo lhe dar mais pressas.  
 Em tal consternação posta,  
 Mais razão tem minha pena  
 Se o que a mim me penaliza  
 He o que a todos recréa.  
 Outras vezes me motiva  
 Lagrimas a amante inveja,  
 Que tenho de correr a agoa,  
 E de me ver aqui preza.  
 Sahir todos os instantes  
 Desta quinta bem quizera  
 Em busca de meus amores,  
 Porque de vista os não perca.  
 Mas o que eu, tendo vontade;  
 Não consigo, esta agoa bella  
 Tedos os instantes logra,  
 Sem que a ventura conheça,  
 Quantas vezes lhe infinuo  
 Que a seus pés vá com decencia  
 Levár de minha saudade  
 As testimunhas mais certas.  
 Só de lagrimas as agoas  
 Seraõ fies mensageiras.  
 Perennes fontes trasladaõ  
 A quem de chorar não seffa.  
 Quantas vezes cá lhe digo,  
 Que quando lá vir Sua Alteza

Fabrique hum Throno de prata,  
 Que logo a seus pés submerca:  
 Que em mil espelhos lhe mostro  
 Do meu amor a fineza,  
 Claro, e puro como as agoas,  
 Que tem a fonte na Pedra:  
 É que se for, por ditosa,  
 Elpelho, em que elle se veja,  
 Entaõ me fará ser vista  
 A' luz, que lhe reverbera.  
 Tantas imaginaçoens  
 Me serião mais violentas  
 Senaõ vira que esta fonte  
 Quando se vay me naõ deixa.  
 Milagre de am. r transformaçõ  
 De fórte amantes idéas,  
 Que choraõ, por apartado,  
 O que, por prezente, alegre.  
 Mas de qualquer fórte he justo  
 Que o coração se enterneça  
 No susto de que naõ pára  
 O bem, que se naõ auzenta.

*Birg.* O amor, minha Senhora,  
 Uia de huns estratagemas  
 Para atormentar as almas,  
 Que bem mostra ser má peça.  
 Que a outros metta fizaneas,  
 Que a outros arme esparrellas;  
 Que a outros traga em maromas,  
 Que a outros prenda em cadéas.  
 Que a tantos faça com que andem  
 De candéas as aveffias.  
 Allumeaõdo ao gofsto,  
 Que nunca vem ás direitas,  
 Naõ me admiro, porque está  
 A irmandade do amor chéa  
 De vilõens ruins, que trataõ  
 Só da sua conveniencia.  
 Mas tu, Senhora, que em tudo  
 Es excepção desta regra  
 Se hum Principe, que te estima,  
 Por ti tudo o mais despreza,  
 Se estás jurada Rainha,  
 Como canfirma a promessa  
 Com as mesmas testimunhas,  
 Que quiz produzir por certas,  
 De que objectos colher pôdes  
 Magoas, cuidados, e penas,  
 Quando naõ ha mais venturas,  
 No mundo, que tu naõ tenhas.

Passa a vida em puros gostos  
 Que aqui estou eu que sou féa;  
 É porque hey de ser tua Aya,  
 Me tenho por huma deosa.  
 Tenha sustos, e temores  
 Quem edifica sobre aréa:  
 Mas quem em pedra se funda  
 Nenhuma ruina tema.  
 Para essas melancolias  
 Li eu já huma receita  
 De huma planta mui doce.  
 Toma-a, Senhora, que he esta.

*Canta Birgida.*

M I N U E T E s

Se ao louro Dafan  
 Tem por valente  
 O rayo ardente,  
 Que lhe fará?

SEGUNDA PARTE.

Ségura viya  
 A que por bella  
 Passou a estrella  
 de todo o mal.  
 Porque estas prendas  
 Saõ infinitas  
 Nunca taes ditas  
 Haõ de acabar.

*D. Ig.* Muito devo ao teu affecto.

*Birg.* E para que mais me devas  
 Quero agora que mo pagues  
 Se for na mesma moeda.

*Canta D. Ignex.*

R E C I T A D O

Quando mais minha dita sublimada  
 Na radiante esféra me tem posto,  
 Vendo-me adonde a luz he eclipçada  
 Como hey de cõtemplar indêno o gofsto,  
 Poderêi ser no bem perpetuada  
 Vendo da fórte sempre alegre o rosto;  
 Porém seja fínal de merecé-lo  
 Goza-lo com o susto de perdê-lo.

ARIA

## A R I A.

Se Argos ligeira corre  
 Por campos de crystal,  
 Onde ha tantos perigos  
 Porque os não verá?

## SEGUNDA PARTE.

Bonanças a firmeza  
 Promette ao baixel, mas  
 O vento da fortuna  
 Faz tormentoso ao mar.  
 Ay de mim se ainda vejo  
 Aos meus suspiros  
 Tornados pela sorte  
 Em tristes ays!

*Birg.* Quem canta males espanta,  
 He sentença verdadeira,  
 Desforte, que até cantando  
 Se melhora quem se queixa.

*Gritaõ dentro Affonso, e Dionysio, como chorando*

*D. Ig.* Affonso, e Dionysio choraõ,  
 Vay ver, Brigida, que tem.

*Birg.* Os meninos aqui vem.  
*A elles, que sabem.*

Que tem, meus ricos? quaes foraõ  
 As causas deste descem?

*D. Ig.* Para estar assim chorando  
 Quem vós deo causa?

*Af.* Mayzinha,  
 Matarão a corçazinha  
 Com que andavamos brincando.

*Birg.* Era hum brinco: coutadinha:  
 Não quero eu jazer na pelle  
 A quem a matou.

*D. Ig.* Deixay;  
 Logo o diremos ao Pay,  
 E fará o mesmo a elle.  
 Como foi isso? contay.

*Af.* Fugio das mãos do criado,  
 Entrou em casa de hum trapilha,  
 Mordeo-lhe no rosto a filha;  
 E elle deo-lhe c'um forcado,  
 E matou-a.

*Birg.* Não se pilha

Já agora.

*D. Ig.* Fora imprudencia  
 Castiga-lo, se o amor  
 Da filha lhe deo valor.  
 Para vingar a insolencia,  
 E evitar damno mayor,  
 Por consolar aos Infantes  
 Tirem a pelle ao animal,  
 E enchaõ-a, por arte tal,  
 Que pareça como dantes,  
 Ainda que pareça mal.

*Birg.* Será a ficção vistosa?

*D. Ig.* Valha-me Deos! que afflicção  
 Me aperta este coração! *Desmaya.*

*Birg.* Oh mão de Deos poderosa  
 Valey-nos. *chegando-se a ella.*

*Os dous.* Mãy! *chegando-se*

*D. Ig.* Já se vaõ. *torna em si.*  
 Humas dores de hum vehemente  
 Flato, com que me affligia,  
 Que quando assim as sentia,  
 Por me entrarem de repente  
 Pareceo-me que morria.

*Birg.* Senhora, ao camarim  
 Vênha descansar.

*D. Ig.* Eu vou.

*Birg.* Está melhor?

*D. Ig.* Já passou.

*Birg.* Ainda não estou em mim!  
 Não sey como viva estou! *Vaõ-se.*

VISTA DE CAMPO, E RIO,  
 com huma ponte.

*Sahe Pedroso, como que passa por cima da ponte.*

*Ped.* **H**A muito tempo não tenho  
 Quem me dê novas de Brigida,  
 Filha do meu coração.  
 Grande bem tenho em tal filha:  
 Regala-me de senouras  
 Depois que está cá na quinta  
 C'ò a Senhora Dona Ignez.  
 Deos a faça huma fantinha.  
 Vou-me chegando até lá,  
 Porque sempre estas visitas  
 Rendem hum par de vinteins  
 Depois de chéa a barriga.

A noite está abrigada,  
 Não ha na ponte alma viva.  
 Esta ponte, aqui para nós,  
 He huma ponte bem comprida.  
 Tambem vou defenganar-me  
 Se me engana quem me affirma  
 Que ella as mais das noites falla  
 Cum sujeito ás escondidas;  
 Mas isto he fallar, que a moça  
 Tem huma honra taó viva,  
 Que está c'ó sangue na guelra.  
 Nessa parte está muy limpa.  
 Tomara-lhe eu ver já fóra  
 Huma obstrução intrestina,  
 Que traz inchada ha seis mezes  
 A pobre da rapariga.  
 Se ella não fora doente,  
 Que governára a cozinha,  
 Outro gallo me cantára;  
 Mas, porém, viva a gallinha.  
 La yem hum vulto, Santo Elmo,  
 Em as vossas mãos benditas  
 A minha cabeça ponho.

*Sabe Machucho, rebuçado, seguindo a  
 Pedroso.*

*Mac.* Hum vulto vay para cima.  
 Confórme a ordem, que trago,  
 A não perder logo a vida,  
 Deitá-lo-hey da ponte abaixo.  
*Ped.* Cegay-o, Santa Luzia. à p.  
*Mac.* O Cavalheiro, a estas horas *chegido-se.*  
 Que faz neste sitio? diga,  
 E puxe por essa espada.  
*Ped.* Eu não tenho mais q' lingua, *de joelhos.*  
 E em puxando por ella  
 O que não está na cartilha  
 Digo adonde quer que me acho.  
 Não sou cá homem de briga,  
 Estou já, senhor, muy velho.  
*Mac.* Pois supponha, bigorilhas,  
 Que he o Jordaó do Mondego,  
 Láve-se nelle da tinha.  
*Faz acção de o lançar da ponte abaixo.*  
*Ped.* Senhor, assim a fortuna  
 O livre de comer tripas,  
 E pepinos de fellada,  
 E abobra sem ser menina,  
 E sardinhas de chinchorro;

Veja que eu sou má vazilha  
 Para agoa, antes no inferno  
 Me bote, que agoa he o meu irra.  
 Se quer que morra affogado  
 Metta-me affim n'uma pipa,  
 E deixe-me lá com ella.

*Mac.* Ay, que he Pedroso!

*Ped.* He bonita!

Creado senhor Machucho,  
 Este he o pago desta vida?  
 Depois de me a mim constar.  
 Calte bocca:

*Mac.* Eu conhecia

Cá flamengos á meya noite:

*Ped.* Flamengos he boa isca.

Falle bem, se não por certo,  
 Que se me tomo da birra  
 A ponte, e vossé em bolandas  
 Tudo irá feito em astilhas.

*Mac.* Atégora com brandura,

Que o deixasse me pedia.

*Ped.* Sim, q' atégora era hum tempo,

E agora he outro.

*Mac.* As manias

De sette em sette annos mudaó.

*Ped.* Tenho apozentadoria,

E mudo-me quando quero.

*Mac.* Ora deixemos resingas.

Diga, onde vay a estas horas?

*Ped.* Eu vou ver a rapariga,

Que Deos a faça huma Santa.

Alguma cousa, que liza,

Me dá para o meu tabaco.

*Mac.* E a estas horas?

*Ped.* Pois, diga,

Se não, faça-se de novas,  
 Que vossé tambem he frija.  
 Não sabe q' ha hum bom par de annos  
 He officio de minha filha  
 Estar toda a noite acordada?

*Mac.* E para que he essa fadiga?

*Ped.* Não sey, q' ella he de segredo.

Só diz que falla, e que brinca

Com o diabo á meya noite.

Sintó-o bem: pois, com tal lida,

Caza, em que á noite amanhece,

Póde anoitecer-lhe ao dia,

Porém lá se avenha ella,

Que eu já lhe li a cartilha

Thé o ponto de venha a nós.

*Mac.* Estás, Pedroso, muy ginja.  
Perdestes a cachimonia  
Depois que deste em solfista:  
Quanto rendeo a cantata?

*Ped.* Rendeo hum elho de vibora,  
Encafoado em filagrana.  
Obra, que parece antiga  
Pelo amalfado della.  
Diz q̄ he bom para as criancinhas  
Naõ virem a ser embruchadas.  
Para ellas he que eu queria  
O com que a papã se compra:  
Que as bruchas laõ conhecidas.

*Mac.* Está para fazer jornada,  
E as moedas saõ precizas.

*Ped.* Onde vay?

*Mac.* Veyo doente,  
E torna a ir recabida.

*Ped.* De que se queixa?

*Mac.* De amores.

*Ped.* Isso he dor, que quantas tripas  
Tem huma peffoa revolve.  
Toma banhos?

*Mac.* Bem os queria:  
Mas o Principe Dom Pedro,  
Que he seu Medico, o duvida,  
E tem-lhe augmentado a febre  
Por receitar-lhe humas pirolas,  
Que haõ de deitã-la na covã.

*Ped.* Porque?

*Mac.* Cazar se destina  
Com Dona Ignez de Castro.

*Ped.* Com a ama de minha filha?

*Mac.* Sim.

*Ped.* Faz bem, que he o Rey dos homens,  
E ella das mulheres Rainha.  
Visto isso, Dama do Paço  
Hã de ser a minha Birgida.

*Mac.* Pois naõ?

*Ped.* Pois, senhor Machucho.  
Trate com mais cortezia  
De hoje em diante as peffoas  
De quem depende, e naõ diga  
Depois, que vay innocente,  
Quando eu o mandar para a India.

*Mac.* Entaõ ficará viuva  
Essa minha Senhora.

*Ped.* Irrã.

*Mac.* Fu já tenho hum escrito della.

*Ped.* He lula toda essa escrita,

Porque ella escrever naõ sabe.

*Mac.* Fez huma cruz.

*Ped.* Benzer-se-hia  
De cazar com esse pandorga.

*Mac.* Já fizemos essa liga.

*Ped.* Onde ha liga ha falsidade,  
Tudo isso ha de ser mentira;  
Porque nós estamos em terra  
Donde ha gente, e donde ha linguas;

*Mac.* Ella nao está nesses termos.

*Ped.* Peyor estava huma alfamista  
Com as dores em huma escada,  
E ao visinho de riba,  
Que a ouvio gritar com dores,  
Disse que galantaria  
Fora nella estar gritando.  
Sou Machucho, minha filha  
Só hum Fidalgo a merece.

*Mac.* Pois, senhor Pedroso, advirtã;  
Que em nosso amo cazando  
Jã cá temos promettida  
A mercê de Conde, ou Duque.

*Ped.* E se for de arcos de pipa  
He huma grande dignidade,  
Só assim consentiria  
No casamento. Esta dita  
Jã ha muito que se esperava;  
Pois a Condeça a bugia  
Havia passar de alcofa,  
Como huma sigana affirma  
Na sina, que lhe tirou.  
Assim a mulher mentira  
No mais que disse:

*Mac.* E que era?

*Ped.* Que seu marido teria  
Fadario de labis-homem.

*Mac.* Pois acertou a maldita,  
Que essa he a minha occupação.

*Ped.* E rende?

*Mac.* Muito se tira,  
Até alguma cutilada,  
Que se apenhe em hũa esquina,  
Quebrar este encantamento.

*Ped.* Pois, senhor Machucho, advirtã,  
Que se o levar o diabo  
Antes della recebida,  
Naõ ha de cazar com ella.

*Mac.* Vamos nós chegando á quinta,  
Que se vay fazendo tarde,  
E hey de dar huma cartinha.

*Ped.* Eu a levo, se he á noiva.  
*Moc.* Eu he que a levo á madrinha.  
*Ped.* Ah magano, já te entendo;  
 Por isso eu nem de nabijas  
 Me farto, por não ter geito

Para dispôr hortaliças.  
*Moc.* Ah! daõ tres horas, e a noite  
 Co' a conversa foy perdida.  
*Ped.* Chegamos lá de manhaã,  
 Para fallar-mos no dia. *Vão-se.*

## ACTO SEGUNDO.

### VISTA DE SALA DO PACO.

*Sahem ElRey D. Affonso, e o Prineipe  
 D. Pedro.*

*D. Ped.* **L**Ogo que o ordenastes, sem  
 detença  
 Venho á tua presença,  
 E a mão te beijarey  
 Attento como a Pay, e como a Rey.

*Vay para lhe beijar a mão, e o Rey a retira.*

*D. Af.* As bençoës, q̃ aos homens são doadas,  
 Pela justiça vem adjudicadas;  
 E ás vezes se differem  
 Em quanto com razão se não requerem.  
 Suspensa a minha vejas;  
 Para que conjecture se a de sejas  
 Por bem na realidade,  
 Ou só por cerimonia da vaidade.  
 Bem sabes que me deo a Providencia  
 A Regia Presidencia  
 Deste Reyno, que Christo com Mysterio  
 Chegou a declarar por seu Imperio.  
 Talvez queira o Senhor por este modo  
 A Fé assim enviar ao mundo todo;  
 E porque pura nasce, e pura cresce  
 Adonde a planta adopta co' a pureza.  
 Deve, quem goza o Regio dom Supremo,  
 Empregar mais cuidado em o governo  
 De hum Reyno, q̃ do Ceo vé tão prezado,  
 Pois no que mais se estima ha mais cuidado.  
 Por motivos assim tão singulares  
 Devem nossas açcoens ser exemplares,  
 Para que o Povo, que de nós aprende,  
 Hum protótypo tenha, em que se emende.

Sendo dos Reynos sólida bonança  
 A reciproca paz, e alliança;  
 Esta nos cazamentos muito obriga  
 A q̃ dous Reynos serem hum só se diga:  
 E tanto bem encerra, (ra.  
 Que a paz ganha o q̃ ás vezes perde a guer-  
 Nesta imaginaçãõ  
 Dispuz cazar-te com a proporçãõ,  
 Que respeita á grandeza da pessoa,  
 E á utilidade da Coroa.  
 Chegou á Corte já a bella Infanta;  
 Por quem Navarra illustre se decanta;  
 Pois deo o claro berço ás luzes bellas  
 Da que fez occultar muitas estrellas.  
 Como quem todo o bem teu te procura  
 Até Rainha será da formosura.  
 Assim o espero em seus dotes singulares;  
 Depois q̃ a mão de Esposa lhe acceitares.  
 Se accaso o desvario  
 Da mocidade inrima algum desvio  
 A huma açcaõ tão recta, e decorosa,  
 Confio de tua vida virtuosa  
 Saiba purificar, porque não mude  
 No Santo Matrimonio esta virtude  
 Has de entender que em nós ha obrigaçãõ  
 De dar ao Povo tal satisfaçãõ  
 De tudõ quanto obramos,  
 Que até em beneficio seu cazamos;  
 Sem termos liberdade  
 De ordenar esta açcaõ pela vontade,  
 Que esta quem do seu bem trata só tem;  
 E não quem deve tratar do cõmum bem.  
 Quero venhas cõmigo a visitá-la,  
 E em amorosos lances elogiá-la,  
 Porque he digna Senhora,

E a faz do teu amor o Ceo crédora.

*D. Ped.* Se vivo, estou absorto, *à p.*

Pois com lançadas taes não siquey morto!

Seja-me em lance tal d'um fortê efuido

O amar a bella Ignez mais do que tudo.

*Pay*, e *Rey* meu, instrumênto venerado *a elle*

Do *Rey* dos *Reys*, cujo *Alto Imperio*, e

mando

Tudo com summa réctidão governa

Da Sua Magestade Sempiterna.

O sangue, que circula nestas véas,

Estimo mais que tudo, porque crêas

Reconheço que as luzes, com que brilho,

A Dignidade são de ser teu filho.

Attento á vigorosa, e sabia *Ley*,

Que distas como *Pay*, e como *Rey*,

Abone-me o destino a fé commua,

Que me intima a venero como tua.

*D. Af.* Meu conceito me disse tanto espere,

E a benção Paternal te remunerar,

*Abraçando-o, e abençoando o.*

Em gosto tal são estes, e estes braços

Testimunhas ficias dos fortes laços

Com que te ajunte, e una immensas ditas

A forte por idades infinitas.

*D. Ped.* Esta insperada benção, que consigo,

Me sirva de preludio ao que te digo.

*D. Af.* Que mais podes dizer-me?

*D. Ped.* Posso como Catholico atrever-me

A fazer teus discursos mais acceitos,

Replicando ao vigor desses conceitos.

Em materias, Senhor, tão perigosas,

Que fazem as consciencias duvidosas

Na deliberação: sabis doutrina

Dás, que o *Pay*, e q' o *Rey* não nos domina:

Contemplando-se açcoens, que na verdade

São adstrictas á humana liberdade.

Não he do mundo a ley dos cazamentos,

O Ceo a deo aos homens, que, de attentos

A' eleição do amor, que sua chamao,

Elegem as mulheres, que mais amaõ.

Nem dizem os discursos elevados

Serem os Principes della exceptuados.

Essa razão, que abona a concordata

Dos Reynos, que em taes ligas une, e ata:

Em vigor apparente só convenha:

Que o tem, se o Ceo não mãda q' o não te-

Irmaõ era Cain do innocente: (nha.

Quem pode estar seguro em ser parente

No mundo, onde os domesticos se somem

Por inimigos cruéis de qualquer homem.

As duraçoens; Senhor, das Monarchias,

Não procedem jámais dessas porfias,

Que as naturaes razões seguem por dogma;

Deos as permite, até que a conta toma

A's virtudes, nas quaes permaneceraõ,

E aos peccados com que se lacerao?

Desto discursõ infiro hey de cazar: :

*D. Af.* Com quem, nescio? *irado.*

*D. Ped.* Com quem determinar

Teu juizo, se, ouvida esta desavença;

Der em os autos meus habia sentença.

*D. Af.* Diferente és: da benção, que levaste;

Te desdizia já: mas acertaste.

*D. Ped.* Não seria o primeiro em q' se visse,

Que c'um engano justo a'consequisse.

Pois, Senhor, arbitro és de meu destino,

Ouve-me.

*D. Af.* A ouvir amante inclino

O Paternal affecto,

Que por eternidades te prometto;

Acceitando as razãoens com q' argumentas;

Como que nellas só mostras intentas,

Que com a Infanta vens a ser cazado;

Só porque della estás tão namorado;

Por isso nas razãoens que te ouço, acho

Queres seja meu o voto, teu o despacho;

Despacho que com gosto tanto acceito,

Pois arbitro me fazes de teu peito.

Quê quer dobrar a não, q' corre a orça, *à p.*

Ha de usar já de geito, já de força.

*Sahe Egas Moniz.*

*Egas.* A Infanta de Navarra chega ahi fóra;

E pertende fallar-te.

*D. Af.* Em boa hora

Vem a Infanta. Entre logo a Infanta bella,

E decante-se o bem, que tenho em vê-la.

*Vay-se Egas Moniz.*

*Sahe Dona Branca, e canta o Coro a seguinte*

L E T R A.

Se os campos se alegrão

Quando ao Sol vem,

Os Astros tambem.

*D. Ped.* Da bella Ignez a doce melodiã *à p.*

- Só excitar-me a lembrança poderia.
- D. Br. De applauso á sorte indigna me tem posto.
- D. Af. O q̄ nisto se applaude he o meu gosto: Aquelle grande gofso, que hoje alcança Meu coração sobre a desconfiança, Que em duvida o amor de Pedro pondo, Chegou ao Reyno todo ir descompondo; Mas certamente estou defenganado, Que por prudente ser foy recatado.
- D. Br. A despedir-me vinha na verdade; á p. Mas já agora verey a novidade.
- D. Ped. Oh quãto, bella Ignez, me defalenta A féra ver, q̄ devorar-te intenta! á p. Mas o amor, que te tenho dedicado, Jámais ha de apartar-te de meu lado.
- D. Af. Taõ certo estou do animo, Senhora, Com que o Principe amante vos adora Como Principe sabio, e o mais perfeito, Que eu me retiro; porque do respeito, Presente estando, não imagineis Procedem as expressões, que lhe ouvireis. Nas minhas mãos depòs sua vontade, E eu nas suas entregõ effa deidade. Até de tal officio usar dependo; á p. Pois só com huma astucia tal entendo Poderey concluir o que desejo, Assim empenhado o vejo A contemplar, que claro juizo tem, Que dizer-lhe q̄ eu minto não convém.
- D. Ped. Pois te auzentas, te quero perguntar Se fica Sua Alteza no lugar De Juiz da demanda tomçada; Fallar-lhe-hey como a tua delegada.
- D. Af. De ti, e della fia o meu amor, Que haõ de sentença dar a meu favor. V.
- D. Ped. Infanta illustre, Aurora esclarecida, Que, em ditoso emisfério produzida, As luzes, com que já o esclarecestes, A novos Horizontes dar viesstes, Que assim reparte o Sol por toda a parte Os esplendores bellos, que reparte.
- D. Br. Não concorda este obsequio, em que confio, á p. Co' a fama, que ouvi já de seu desvio;
- D. Ped. Pois que na acção presente Te fallo como hum filho obediente De hum Pay, q̄ meu Juiz era na verdade, E que cedeo em ti a autoridade: Continuarey o processo, se quizeres,
- E ouvirey a sentença, que me deres.
- D. Br. Quem poderá, por ti vendo-me clejta, Não cuidar que sou récla, mas suspeita;
- D. Ped. Era, Senhora, este o argumento: Fallava-me meu Pay n'um casamento, Que ao Reyno, e ao seu gosto condizia Por naturaes razoens, em que previa Ser feliz o Reynado, Como se quem os faz só ajudado Da humana mão tivera tal virtude.
- D. Br. Já o conceito, que fiz, justo he que mude. á p.
- D. Ped. Hia para dizer-lhe quando entraste, Que eu estava já cazado.
- D. Br. E destinaste, turbada. Que só esta acção estivesse prompta Para empregar o tiro dessa affronta?
- D. Ped. Eu como parte, Infanta, não te quero No caso, em que Juiz só te venero.
- D. Br. Ouça jágora a indigna cõfiança, á p. Que a sentença dará minha vingança.
- D. Ped. Cazado estou, Senhora, como digo, Com Dona Ignez de Castro, amor antigo Me fez estimar tanto esta belleza, Que a tenho graduado por Princeza.
- D. Br. Mais não espero ouvir, á p. Desse destino Vingar-me a todo o custo determino. V.
- D. Ped. Ninguem quer ser Juiz do caso? Appello Para mim, que a mim só compete o sê-lo Vay-se.

## VISTA DE GABINETE.

Sahe Dona Ignez, e Machucho, o qual virá tendo huma corta, e em acabando de ler a dobra, beija, e mette no seyo.

- D. Ig. **P**ara o erario do peito A preciosa carta vay, Já que quiz fazê-lo a sorte Mais rico, que quantos ha. Dize, Machucho, e a Infanta Chegou-se a defenganar;
- Mac. Dos Medicos não, Senhora; Porque ainda he viva: mas Está cahindo n'uma tizica Mais hoje, mais á manhaã.

Hontem houve alguma historia,  
Porque eu vi-a cahe naõ cabe.

*D. Ig.* Com o Principe?

*Mac.* Naõ, Senhora.

Com ElRey, a quem foy fallar,  
E sabio de lá taõ triste,

Que parecia hum papás

Olhando para Mafoma.

Se fora eu, logo, e já

A punha no olho da rua;

Pois que alegria nos traz,

Que para dar-lhe, e vender-lhe

Em ti naõ tenhamos cá?

*D. Ig.* Sempre ha de ser muy benigna.

*Mac.* Isto melhor o dirá

Hum velho, q'ahi vem commigo.

*D. Ig.* Quem he?

*Mac.* He hum guarda portaes,

Pay de huma criada tua,

Que deo agora em cantar;

E porque o ouvio a Infanta

O honrou c'um premio tal,

Que o fez ficar co' alma torta

Cum olho sómente.

*D. Ig.* Está

Cá na quinta esse criado?

*Mac.* Com sua Birgida estará

Chupando-lhe alguns vintens;

Que he o que costumão os pays,

Que tem filhas a ferver.

He galante!

*D. Ig.* Vay-o chamar.

Quero divertir cuidados;

Que nunca deixão em paz

Este coração sincéro.

*Mac.* Zomba delles, e do mais:

Porque Pedro he huma rocha,

Que, inda que se altere o mar,

Fica como d'antes firme.

Ahi vem Birgida, e o pay.

*Sahe Birgida, e Pedrozo.*

*Ped.* Eu bem naõ queria vir,

Mas a cachopa diz: vá

Beijar a maõ á Senhora.

Com que aqui a venho beijar.

*Birg.* Meu pay he muy vergonhoso.

*Mac.* Se outro dissera tal

Defavergonhado seria.

Só eu sey quem aqui está.

He hum homem de boas prendas,

Valente como arganaz.

*Ped.* Sempre mato o meu par delles

Sendo em batalha campal

*Mac.* Pois canta q' he hum affombro!

*Ped.* Esse tempo já lá vay.

Aprendi a menino orsaõ:

Mas huma vez, por puxar

Tanto pelas cordoveas

Atrêbentou-me hum antrás,

Por onde me sabe o vento,

E quando quero cantar

Tenho a falla muy roufenha.

*D. Ig.* Sabeis solfa?

*Ped.* Se Sol faz,

Sey muito bem que faz Sol.

*D. Ig.* Pois sabeis tanto, cantay!

*Birg.* Faça esse gosto á Senhora.

*Ped.* Farey esse, e muitos mais,

Que eu naõ sou menos d'um homem:

Toquem, mas que seja hum gral.

*Canta Pedrozo.*

Se faudades de contino

Todo o homem faz chorari;

Que será n'uma mulheri,

Que só ella sabe amari.

*D. Ig.* Sois admiravel cantor!

*Ped.* Ao canto estou posto já.

Se me ouviras algum dia

Quando eu sabia cantar,

No meyo da praça era::

*D. Ig.* Ainda o fazeis bem: tomay.

*Dá-lhe huma bolsa.*

*Ped.* Benignissima Senhora,

Rainha universal

Dos Reynos todos do mundo,

E ainda de outros mais;

Pois, cá pelas minhas contas,

Cada tostaõ, que aqui vay,

Vale para mim hum Reyno.

*D. Ig.* Mayor premio vos dará

Se vos ouvir a Infanta.

*Ped.* Hum ensino me deo já,

Para que eu cresse que ha bruxas.

Como se de cousas más  
Pudesse fugir hum pobre  
Sem dinheiro se lhe dar !

*Vozes dentro de caçadores , e por entre hum  
bastidor se lança hum pombo , que cobe aos  
pés de Dona Ignez , a qual se assusta , e  
diz huma voz dentro .*

*Vozes dentro . Cahio morta nessa quinta ,  
Outras . Deo-lhe a Infanta no péccoço .  
Outras . Parece que não está morta .*

*D. Ig. Que vozes são estas que ouço ?*

*Pela janella entrou ferido ,  
E aqui cahio , este pombo .*

*Mac. Sem duvida veyo á caça  
A Infanta , e neste contorno  
Ella pomba mataria .*

*Ped. Estou mal se ella vem aos porcos . à p.*

*D. Ig. Vamos ver isto de certo . Vay-s.*

*Ped. Em hum se indo , vão-se todos . Vão-s.*

VISTA DE CAMPO.

*Sabe Dona Branca , Justina , Alvaro Gonçal-  
ves , e Egas Moniz , todos de caçadores .*

*Just. S* E outrem , e não tu , lhe atirasse ,  
Eu lhe servira de estorvo ,  
Porque a bõa da pombinha  
Era linda como o ouro .

*D. Br. Outro tiro mais desejo . à p.*

*Eg. Esta he a quinta ; mas o ponto  
Está errado , pois se tem visto  
No quarto de Ignez foccorto  
De homens , que cá não assistem ;  
Nem poderia o arrojio ,  
Quem em prendes , ser acertado :  
Deixa a meu cargo o negocio ,  
Que verás quam brevemente  
Em hum cadafalso a pombo .*

*Alv. Ahi vem Ignez a bulhar-tez.*

*D. Br. Se vem escoltada , vós outros  
Assustada .*

*Me defendey .*

*Alv. Traz nos olhos  
Settas , que se nos ferissem  
Aqui nos matava a todos .  
Não lhe valha o vir humilde ,  
Que o mal , que causa , he notorio ,*

E antes só ella padeca  
Do que o Reyno ande revoltó .

*Sabe Dona Ignez , e ajoelhando aos pés da In-  
fanta , lhe offerrece a pomba .*

*D. Ig. A vossos pés restituo  
Do vosso tiro o despojo ,  
Mais , que quando estava vivo ,  
Feliz , em ser por vós morto .  
Veja o mundo que ventura  
Terá o que for tão ditoso ,  
Que chegueis a dar-lhe vida ,  
Se o q̃ matais sobe a hum throno .*

*D. Br. Sois attenta , Ignez , bizarra .  
Com a ira me suffoco . à p.*

*D. Ig. Faça o q̃ devo a huma Infanta .*

*D. Br. Se fora destino vosso  
O que deveis praticareis ,  
Não seria o mais notorio  
Com que perturbais ao Reyno .*

*Retirando-se .*

*D. Ig. Pois me obrigais nesse opprobrio ;  
Digo que a paz só perturba  
Quem tira o seu a seu dono .*

*D. Br. Logo sois nelle Rainha ?*

*D. Ig. Eu dizer-vos-lo não posso ;  
Mas por mim o dirá o tempo .  
Vou escrever a Pedro logo , à p.  
Que algum desfalte me espera . V.*

*Just. Que lhe parece o fojorno ?  
Que tal ficaria eu  
Se fosse vender repolhos  
Outra vez para Navarra :*

*D. Br. Não sey como me reporto :*

*Eg. Vamos , Senhora , o disface  
Convém por hora , e disporos  
A ElRey , para que justiça  
Faça n'um caso tão novo .*

*D. Br. Recolhamo-nos ao Paço ,  
Que do campo já desgosto .*

*Alv. Vamos , e podeis estar certa ,  
Que em tudo vamos comvosco . V.*

VISTA DE PONTE , E RIO.

*Sabe Machucho , e Pedrozo .*

*Ped. A* Lgum Santo quadrilheiro  
Rezou por mim , que agartado

Me vi duas vezès de hum preto,  
Que suppos era algum sapo.  
E tu donde te escondestes?

*Mac.* Eu fiquy dentro do quarto.

*Ped.* Lá dentro he que me eu queria;

Mas fugi de lá cuidando

Que a passarolla trazia

Atraz de si algum bando.

*Mac.* Isto sempre he caso grande!

*Ped.* Para mim não faz ao caso,

Que eu levo aqui dinheiro

Para comprar hum bom macho;

E a Medico-me metto.

*Mac.* Tu sabes disso?

*Ped.* Em andando

A cavallo, e em dizendo

Purgas, leites, sangrias, banhos;

Sey a Medicina toda.

*Mac.* Eu he que estou bem aviado,

Perdendo hum officio de porte,

Sem ter já porte, nem gancho.

*Ped.* Pois faltaõ por ahí Conventos?

*Mac.* Não sou mula do diabo.

*Ped.* Tudo he ir para o Inferno,

Ou a pé, ou a cavallo.

Mas de que temos nós medo?

*Mac.* Guerras civis he hum trabalho

Dos mayores.

*Ped.* Tal não digo.

Antes os pobres Soldados,

Que alli a pé quedo morrem;

Escuzão de andar quebrando

As pernas por esse mundo,

Para os fazer em pedaços.

*Mac.* Se o Principe he quem eu cuido

Chega á Infanta, e fá-la hum trapo

Em lendo a carta, que levo,

Que diz cobras, e lagartos.

*Ped.* Traz dentro algum caõ de fila?

*Mac.* Leva coriscos, e rayos.

*Ped.* Basta só o de huma sege,

Para lhe partir os calcos.

*Mac.* Isto he tarde, anda depressa,

Antes que faya nosso anno.

Que dirá elle, em sabendo

Que os Senhores dous Fidalgos

Estavaõ aos segredinhos

Co' a Infanta lá no pateo,

E que eu, que espreitava, ouvi

Fallavaõ em cadafallõ?

*Ped.* Queres saber que dirá?

*Mac.* Sim.

*Ped.* Pois anda perguntar-lho. *Vão-s.*

## VISTA DE SALA do Paço.

*Sabe ElRey D. Affonso, Egas Moniz, e  
Alvaro Gonçalves.*

*D. Af.* **F**Oy remettido já a Sentarem;  
Para onde o mandey prezo?

*Eg.* De lá vem

Postilhoens, que já affirmaõ ter chegado;  
E fica no Castello resguardado.

*D. Af.* Assim se trata hũ Principe insolente,

Que foy a hum Rey, e Pay desobediente  
Com taõ louca porfia,

Que o Reyno todo em bandos dividia.

Se o mundo ouvir a fama desta historia;

Nella será notoria

A diligencia de Pay, com que intenty

Eyitar-lhe o que obro como Rey.

Mas em fuster hum Reyno, que descahe;

Primeiro está o ser Rey do que o ser Pay.

*Fica suspenso, e chorando.*

Oh nome terno, que em tanta aspereza  
Não pôde disfarçar a natureza!

*Eg.* Senhor, nossa lealdade amante attende;

Que alleviar pertende

O grande sentimento

Que a ti, e ao Reyno traz este tormento.

Se eu te acõselhára;

Com discreta evidencia te mostrára

Que só paraõ do enredo as forças séas

Quando se mata a arenha, que urde as  
teas.

Quem tem tecido o mal, que vay cres-  
cendo,

Ser Dona Ignez de Castro se está vendo.

*D. Af.* Tanto bem-sua morte ao Reyno  
traz?

*Alv.* Só nella pôde o Povo ver-se em paz.

*D. Af.* Pois prevaleça o bem, que se per-  
tende

Em todos, ao mal que hum só offende.

Hoje ao mundo todo mostrar quero  
Que hum castigo taõ aspero, e severo  
Inevitavelmente se destina,

Pois do publico damno he medicina.  
Acompanhay-me, amantes Cavalheiros.  
*Alv.* Em te servir seremos os primeiros. *V.*

# ACTO TERCEIRO.

## VISTA DE GABINETE.

*Sahe Dona Ignez chorando, e Birgida.*

*Birg.* **S**enhora, queres matar-te?  
*D. Ig.* Não o faço como desejo,  
Para acompanhar pensando  
Ao Principe, que está prezo;

Fora cuito sacrificio;  
Mas fizera tanto extremo  
Só se apartar-se-me esta alma  
Podera para ir vê-lo.  
Mas como ha de ser possível  
Que eu esteja inda vivendo,  
Se me tiráraõ a vida,  
Que tinha, e que já não tenho!

*Sahe o Principe D. Pedro.*

*D. Ped.* Vio-te nesse parocismo,  
Bella Ignez, a sorte, e vendo  
Que eu sem ti tambem morria,  
A ambos alentar veyo.  
Não me foy difficultoso  
Vir pela posta em segredo  
Dizer-te só está seguro  
Quem em teus braços he prezo.  
Não temas lances crueis,  
Porque ha de mostrar o tempo,  
Que inda além da morte passáõ  
De meu amor os progressos.  
Deixa crescer os conflictos,  
Que assim mais occasião tenho  
De vencer nesta batalha  
A Coroa, que te offereço.  
Agora não me dilato,  
Porque se me acaba o tempo  
De que dey minha palavra,  
A manhaã ver-te prometto.

*D. Ig.* Pois chegaõ a ver-vos meus olhos,  
Que tinha morrido creyo,  
Já que estou resuscitada  
A vida que alcanço em ver-vos.  
Só temo que esta alegria  
Me faça traslado expresso  
Da luz, que antes de apagar-se  
Lança o esplendor mais extenso.  
Se vos tornais a auzentar:

*D. Ped.* Eu, amor, nunca me auzento.

*D. Ig.* Mas não me levais comvosco!

*D. Ped.* Sempre te trago no peito.

*D. Ig.* Já agora morrerey de faudades  
Com o gosto q̃ minha alma nisto alcança;  
Pois neste paraíso he que descança,  
E fóra d'elle encontro só crueldades.

*D. Ped.* Não morra eu porque as atrocidades  
Da morte me não sirvaõ de tardança,  
Interrompendo-me a perseverança  
Com que já estou em taes felicidades!

*D. Ig.* Desta expressãõ, Senhor, certa con-  
cluo,

Que no amor quer vêcer-me o peito vosso.

*D. Ped.* De quantos modos ha o peito in-  
struo,

Para outro não haver mais extremo.

*D. Ig.* Pois morra eu por vos dar quanto  
posso.

*D. Ped.* E eu viva por te dar mais do que  
posso. *Vay-f.*

*Birg.* Senhora, se ouves dizer

Que está seu amor seguro,

Que não ha de ser perjuro,

Que mais dita queres ter?

Esta prizaõ póde ser

Que te chegue a abbreviar

A gloria. Se este pezar,

A' morte a ElRey for chegando  
 Já elle fica reynando,  
 E já te entras a reynar.

D. Ig. Sempre he justa esta afflicção  
 Vendo a ElRey meu aduersario.  
 Tu dizes isso, o contrario  
 Me diz cá o coração.

*Olha Birgida para o bastidor, e, ficando assustada, diz:*

Birg. Senhora, gran confusão  
 De coches, e de Soldados  
 Ha na quinta, e já apeados  
 Subindo gente se vê:  
 Vamos ver isto o que he.

D. Ig. Isto são os meus peccados. *Vão-f.*

VISTA DE SALA.

*Sahe D. Affonso, e Egas Moniz.*

Eg. **T**Enho discorrido attento,  
 Que socego só terá  
 O Rey no se se lhe dá  
 Este remedio violento.

*Sahe Alvaro Gonçalves.*

Alv. Já fica em seu apoento  
 Reprezada Ignez, agora  
 Boa a brevidade fora  
 De sua final sentença:  
 Porque com qualquer detença  
 Se transformá qualquer hora.

D. Af. Só em sentenças, que se dão,  
 Admittirey por verdade  
 Que o amor, e a Magestade  
 Encerraõ contradicção.

Eg. Foy tística a resolução.  
 Essa Coroa se exalte,  
 Sendo-lhe a justiça esmalte.

D. Af. Este he o trabalho d'um Rey;  
 Que rende a paixão a Ley,  
 Porque á justiça não falte  
 Morra Ignez, fique em seu dano,  
 Que ella tem occasionado,  
 O Rey no mais socegado,  
 E o Rey mais Soberano.  
 Não he o Decreto tyrano,

Pois, no conceito, que figo,  
 Por não mostrar-me inimigo  
 Vi, e ouvi razoes cabaes.

*Sahe Dona Ignez, e os dous filhos, a qual, chorando, se postra de joelhos diante delRey.*

D. Ig. Só falta que me vejais,  
 E que ouçais o que vos digo.  
 A's Regias plantas me chego,  
 Bem posso reconhecer  
 Que os fructos hey de colher  
 De lagrimas com que as rego:  
 Porq' em chorar só me emprego  
 Sobre a sentença, que deo  
 O tyranno fado meu,  
 Esta agoa a pôde annular,  
 Que inda não pode seccar  
 A tinta com que a escreveo.

Ha delictos infinitos  
 Sobre que Imperais, Senhor,  
 Mas os delictos do amor  
 Nunca pôdem ser delictos:  
 Hum cego vay aos conflicts  
 Com notoria fingeleza,  
 Não pôde evitar a empreza,  
 Em que seus contrarios são  
 As furias do coração,  
 E as forças da natureza.

Sobre estas leys vigorosas,  
 Que a natureza institue,  
 Que vigor vigor influe,  
 Que outras ha mais poderosas:  
 Vés q', entre as plantas mimosas,  
 O Gyrsol, sendo flor,  
 Namora ao Astro mayor:  
 A natureza o desculpa;  
 Mas se esta flor não tem culpa,  
 Que culpa tem meu amor?  
 São extremos desiguaes  
 Eu subindo, o Sol descendo;  
 Mas que mais culpa estou tendo,  
 Que a quelle não tenha mais:  
 Vatonis forças Reaes  
 Se quebraõ no amante affalto;  
 E eu só, sendo fragil, salto  
 A' razão: vede vos rogo,  
 Que, sendo o amor todo fogo,  
 He recto o que sóbe ao alto,

Mas se chegou a violar  
 Nosso throno a minha sorte,  
 Não vos mereço esta morte,  
 Se me quereis castigar.  
 O viver sem a gozar  
 He morte reproduzida,  
 Que em huma torre mettida  
 Todo o alento me furta.  
 Não seja a pena tão curta,  
 Já que a culpa he tão comprida.  
 Porque Juiz récto vos chamo  
 Quando irado me julgais,  
 Lembre-vos que me matais  
 Porque a vosso filho amo.  
 Na terra, e no Ceo exclamo  
 Se julgue, como convém,  
 A acção, que admirado tem,  
 Vendo-se com juizo igual,  
 Se he justiça fazer mal;  
 Se he injustiça querer bem.  
 Vede effes fructos, que deraõ

*Mostra os filhos.*

As plantas, que vossas são,  
 Não corta o lavrador, não,  
 As plantas, que fructos geraõ.  
 São vosso sangue, e esperaõ  
 Não os derrame hum frensezim,  
 Que cega o juizo. Assim  
 Não diga o mundo que atrós  
 Vos quereis fazer a vós,  
 Por me matares a mim.

Já que o não mereço eu;  
 Pedi vós a izenção minha.

*Os meninos.* Avó, não mate a Mãyzinha,  
 Que he quem a vida nos deo.

*D. Ig.* Oh tyranno fado meu,  
 Dize, para que concluas,  
 Se viste paixoens tão cruas;  
 Se algumas dictado tem  
 Se tire huma vida a alguem  
 Pela culpa de dar duas?

*D. Af.* Desculpas tendes cabaes; *chora.*  
 Mas a causa he vehemente.

*D. Ig.* Se me julgais innocente  
 Para que me castigais?

*Egas.* Vede, Senhor, que arriscais  
 O Reyno em compadecer-vos.

*Alv.* Em risco estais de perder-vos.

*D. Af.* Ignez, tende paciencia, retirado-se.  
 Deycis morrer.

*D. Ig.* Oh inclemencia!

*D. Af.* E eu não posso valer-vos.

*Vay-se recolhendo em quanto Dona Ignez,  
 que o vay seguindo, diz:*

Nasce tão tyranno affecto  
 De animo mais que ferino;  
 Para o Tribunal Divino  
 Appello deste Decreto;  
 Lá julgue o Juiz mais récto  
 Com severidade forte  
 O rigor de minha tóte,  
 Minha innocencia attendendo.  
*Vay-se com os filhos.*

*Tiraõ Egas, e Alvaro as espadas.*

*Alv.* Em ElRey se recolhendo  
 Ambos lhe demos a morte.

*Vão-se seguindo-o.*

VISTA DE GABINETE,  
 em que estará hum cravo.

*Sahe Dona Branca, e Justina.*

*Just.* **E** Stás, Senhora, alleviada  
 Da tua paixão?

*D. Br.* Não sey.

*Just.* Fallas ao uso da terra,  
 Onde assim se ha de dizer;  
 Porque em quanto não declara  
 Hum Medico Portuguez  
 Que o doente está melhor,  
 Se o está he sem o saber.  
 O nosso moço das mulas  
 Deo-lhe cá hum mal tão cruel  
 Nos olhos, que não vé nada,  
 E o Medico diz que já vé.

*D. Br.* Não fallo nesse sentido:  
 Só digo que se se fez  
 Certa diligencia hoje,  
 Alleviada estarey.

*Just.* Se te parece, entre tanto,  
 Que novas della não tens,  
 Divertir-te hum bocadinho,  
 Ahi estão cantatas ao pé.

*D. Br.* Huma funebre cantiga  
Cantára antes desta vez,  
E com bem gosto a cantára.

*Just.* Isso mi nó entender.

*D. Br.* Isto a ti nada te importa,  
Basta que eu saiba o que he.

*Just.* O que me importa he q̃ cantes,  
Só porque cantas taõ bem,  
Que os meus, e os teus pezares  
Allevias.

*D. Br.* Cantarey.

*Põem-se ao cravo, e canta a seguinte*

## L E T R A.

Cuidados, que me quereis,  
Que tanto me perseguis:  
Já que me precipitastes  
Compadecey-vos de mim;  
Porque, em perigo tal,  
O bem se encontre aonde se acha o mal:

*Sabe Egas, e Alvaro.*

*Alv.* Tudo fica executado,  
Senhora, como requer  
A vingança, e a justiça.

*D. Br.* Sois Fidalgos muy fieis:

*Amb.* Somos leaes, e esforçados.

*D. Br.* Se ainda me chego a ver  
Senhora desta Coroa,  
Estay certos lembrar-me hey  
De que vós ma grangeastes.

*Eg.* Agora infallivel he:  
Porque inda que grandes magoas  
Taõ tragico caso de

Ao Principe hum par de dias,  
Que lhe póde elle fazer,  
Se lhe não ha de dar vida:

E quem Rainhá ha de ser,  
Senão a vossa pessoa,  
Que para isso he que vem:

*D. Br.* Eu sempre desconfiava,  
Por ver o genio delRey.

*Alv.* Se a seu lado não estamos;  
Perdoava-lhe; porém  
Lembramos-lhe os prejuizos,  
E logo permittio que  
Por nossas mãos a justiça

Fosse feita. E pois se fez;

Já agora descançará

*D. Br.* E eu tambem descançarey.

*Sabe Pedroxo ao bastidor muito triste.*

*Ped.* Para dar taõ má noticia  
Não tenho ao menos dez reis  
De animo, porque na bolsa  
Ainda menos de vinte.

*D. Br.* Efe he o Porteiro da Sala;  
Que quiz já por outra vez  
Divertir os meus cuidados,  
Mas não o chegou a fazer.  
Entray, se quereis cantar,  
Hoje mais me alegrareis.

*Ped.* Hoje he tempo de rezar  
Pela alma de quem Deos tem.

*D. Br.* Vós sentis a sua morte?

*Ped.* Ninguem mais que eu.

*Eg.* Oh infiel!

*Empunhando a espada;*

*Ped.* Pois he infidelidade  
Sentir a morte d'um Rey,  
Que era todo o meu amparo:

*Alv.* Enganado estás, que Ignez  
Foy a que morreo.

*Ped.* Não foy.  
Vaõ todo este Paço ver  
Revolto com a noticia,  
Que da quinta ag. rá vem.

*Alv.* Na quinta he q̃ ellis foi morto;

*Ped.* Na quinta onde foy ElRey  
Meu amo o Senhor Dom Affonso  
A divertir-se, e por ter  
Os seus dias acabados  
De repente pelas dez  
Não disse mais aqui estou.

*D. Br.* Que dizes, homem?

*Ped.* O que vés

Dizem todas essas vozes.

*Vozes dentr.* Morreo todo o nosso bem;  
O Senhor Rey Dom Affonso.

*Andarão Egas Moniz, e Alvaro Gonçalves  
pelo tabulado com as mãos na cabeça, di-  
zendo:*

*Alv. e Egas.* Somos perdidos!

*D. Br.* Saber,

Vamos se aqui ha engano.

*Vay-se Dona Branca, Egas, e Alvaro.*

*Jast.* Eu tambem quero ir saber

Se hey de ficar açafata,

Ou tornar ao canifrey.

*Vay-f.*

### VISTA DE CAMPO.

*Sahe Machucho assustado.*

*Mac.* **V** Eyo ElRey, eu tambem vim,  
Valha-me Deos! quem me es-  
conde

Em alguma parte, aonde

Naõ saiba elle de mim!

Jágora villaõ ruim,

Como d'antes era, sou;

Por esse mundo me vou;

Morreo a minha Rainha,

E o officio, que eu tinha;

Já para mim se acabou.

Mas, lembre-me Deos em bem;

Tenho dado n'uma traça

De naõ descahir da graça

De quem tanta graça têm;

Parto-me logo com quem

Leva ordem de apanhar

Alvar, e Egas. Vou-me armar;

E se os chego a descobrir,

Entaõ bem me posso eu rir

De os ver postos a chorar.

*Vay-f.*

*Sahe Alvaro, e Egas assustados, como fangindo, e olhando para dentro.*

*Alv.* Parece que gente he,

Mettamo-nos nesta cova.

*Eg.* Naõ he gente, saõ estevas,

Que estaõ bolindo co' as folhas.

Vamos seguinho a azinhaga.

*Alv.* Vamos andando, mas olha;

Que a estrada está aqui perto.

*Eg.* Desviar muito naõ faz conta,

Para nos naõ dilatarmos.

*Alv.* Se nós chegamos a horas

De passar a barca, entaõ

He que eu digo que se zomba!

*Eg.* Espera ahi, que correndo

Vem hum vulto.

*Alv.* He huma corça,

Que anda no mato.

*Eg.* Assim he

O medo faz estas foscas.

*Alv.* Já agora naõ tem remedio;

Mas quanto melhor nos fora

vivermos muy descaçados

Com as fazendas, e honras!

E o Principe li se aviesse.

*Eg.* Naõ tem remedio, já agora

O ponto he salvar a pelle,

E ver que se nos naõ rompa.

*Alv.* Cá me piquey n'um carrasco.

*Faz que cahe.*

*Eg.* Essa planta anda de ponta

Comnosco. Vamos andando!

*Alv.* Como quem vay para a forca,

Espera, que dar passada

Naõ posso, que aqui na cova

Se me metteo hum espinho;

*Eg.* Vê se o podes tirar fóra.

*Dá-se dentro hum tiro, e assustaõ-se os dous.*

*Alv.* Perdidos estamos! aonde

Me metterey?

*Eg.* Nessa moyta

Nos escondamos. Talvez

Seja gente caçadora

*Alv.* Sim, mas se nos vê no mato

He a melhor caça que encontra.

*Eg.* Ahi nessa cova escondidos

Obsevemos isto.

*Põem-se ambos entre os bastidores, e diz dentro Machucho.*

*Mac. dent.* A corça

Desceo por aquella brenha.

Pare hum pouco ahi a tropa;

Que se eu puder apanhá-la

Cada hum terá sua posta.

*Eg.* Ay que he hum criado delRey!

Que vem com gente de escolta.

*Alv.* Egas, naõ bulas c. ntigo.

*Eg.* Se eu tremo, o bolir he força.

*Finge-se huma corça, que vem correndo; e para defronte dos dous escondidos. Sahe Machucho com a espingarda.*

*Mac.* Eu corro mais que voffe,  
Que sou corsario, e a prôa  
Lhe ponho, e como huma bala  
Lhe pelpego esta na popa.  
Deixem-me buscar-lhe o geito.

*Põem a espingarda á cara.*

*Alv.* Aqui morreremos ha força  
Do tiro, se for errado.

*Eg.* Talvez que não, cala a bocca.

*Mac.* O ponto he não errar,  
Lá vay para traz das costas.

*Dá fogo, fuge á corça, e grita Alvaro.*

*Alv.* Ay de mim!

*Egas.* Ceos, acudi-me!

*Alv.* Já he escuzado se esconda  
Quem para ser castigado  
Seu mesmo peccado o mostra.

*Mac.* Fugio a perra: ora isto  
Em mim, e nella he vergonha.  
Mas que vejo? nessa baixa  
Me parece que bole outra.  
Deve de ser sua tia,  
Que não quiz abrir-lhe a porta;  
Ou estava ainda dormindo,  
E co' estrondo he que acorda.  
Eu lhe mando outro recado.

*Carrega a espingarda.*

*Alv.* Já que he justo que aqui morra;  
Desespero de salvar-me.

*Mac.* Voz de homem ouço. Toda *assustado.*  
A grenha se me arrepia.  
O' la, Senhores da ronda,  
Acudaõ cá'co' porteiro,  
Porque temos gente nova,  
F he macho como hum coelho.  
Venhaõ a deitá-lo fóra.

*Sahe gente com armas; e diz o Alferez.*

*Alf.* Que he isto? que novidade?

*Mac.* Senhor Alferez, a corça  
Disse que vinha depressa:  
Ehara em França a estas horas;  
Mas ficou em seu lugar  
Algun bicho, ou outra coufa,  
Que alli falla como gente.

*Alf.* Isto he medo

*Mac.* Se for Moura  
Encantada, que aqui esteja;  
Olhem que a mim he que toca  
Cazar-me logo com ella.

*Alf.* Ponhaõ-se todos de roda.

*Cercaõ o sitio.*

*Alv.* Não mereço compaixaõ.

*Egas.* Est. u ferido nas costas.  
Aqui acabo meus dias.

*Assustaõ-se todos, e diz o Alferez.*

*Alf.* Gente he, sentido.

*Mac.* O' Senhora,  
Olhe que aqui está Machucho,  
De quem sabe anda Mafoma  
Pingando pelo seu Rey.

*Eg. e Alv.* Pedimos misericordia:

*Alf.* Misericordia pediraõ.  
*Mac.* Quer enterrar-se com pompa  
Até quem no ermo se enterra.  
Onde se lhe haõ de ir agora  
Buscar os gatos pingados?

*Alf.* Examinemos a cova.

*Vaõ para entrar, e sahe Egas, e Alvaro;  
que cahem no tablado.*

*Eg.* Este infeliz: :

*Alv.* Este indigno: :

*Alf.* Saõ os malfiteiros!

*Mac.* Ora

Digo que pará Profeta!  
Falta-me só huma'onça;  
E antes que ella me appareça  
Neste mato, e descomponha

A diligencia, levemos  
Estes dous lobos ás costas.  
Ninguem faz melhor caçada!  
O' camaradas, pôr promptas  
As gambias para marchar,  
Que aqui não ha payvolas.

*Eg.* Tirem-nos antes a vida

Aqui mesmo

*Mac.* Essa era boa:

Perderia o seu dinheiro  
Quem já li ao pé da forca  
Tem alugado palanques?  
Nem ha cousa mais vislôsa  
Em sitios, onde ha traidores,  
Que vê-os baylar em cordas.  
Já lhe esquece que matará  
A huma innocente Senhora,  
Com quem morreo a alegria  
Desta Monarchia toda:  
E queraõ nestas brenhas,  
Como quem não quer a cousa,  
Morrer de morte macaca,  
E que eu perdesse a gloria  
De levá-los á garupa?  
Entrando co' esta bazofia  
Pelas ruas da Cidade:  
Se pedem misericordia,  
Ella os está esperando

*Eg.* Oh que tormento!

*Alv.* Oh que affronta!

*Mac.* Oh que insulencia, digo eu,  
Tão grande, que em toda Europa  
Outra mayor se não acha,  
Nem séras são tão traidoras.

*Alf.* Os homens estão feridos  
Do tiro.

*Mac.* Antes que morra  
Algun delles, ás cabritas  
Se levem, ou desta forma  
Para se porém a cavallo.

*Pegão dous Soldados pelos braços a cada hum,  
e assim vão entrando, e diz o Alferez,*

*Alf.* Alli estão algemas promptas.

*Mac.* Vão de viagem em muletas,  
Como quem vay dar á costa. *(Soldado)*

*Alv.* Fez o Ceo esta justiça. *Vão-se com os*

*Mac.* Logo ha de fazer outra. *Vay-se:*

## VISTA DE SALA DO PAÇO.

*Sabe El Rey D. Pedro como furioso.*

*D. Ped.* **D**Ores, e ancias fataes,  
Que esta alma tẽ supprimida;

Se me tirastes a vida

Porque vos não acabais?

De mim que pertendeis mais?

Que eu sinta, mais que o morrer;

As magoas, que venho a ter?

Este he todo o meu empenho;

Porém eu forças não tenho

Para tanto padecer!

Quizera penar del'orte,

Que morresse cada instante;

E que esta faulde amante

Pouco mais viva na morte.

Mas se aquelle duro corte

Alento me não deixou;

Quando a sujeitar-me vou

A' força de meu tormento;

Nem para isso tenho alento,

Pois todo se me acabou.

Ay, bella Ignez, a acabar,

Quando acabastes, cheguey,

Que o viver, com que fiquey;

Não he viver, he penar;

He já agora este pezar

Tão continuo ir padecendo,

Que vida não fique sendo,

Que morte não possa ser;

Mas nem viver, nem morrer

Porq' he estar sempre morrendo,

Já que a faulde me guia,

Neste estado me transporto;

Porque nem vivo, nem morto

Sempre est'rey em agonía.

Se morresse, acabaria,

E finalizava aqui

O amor, que te prometti;

Por isso morto não seja,

Tambem vivo não esteja,

Pois não posso estar sem ti.

Para que nem ter pudesse

Dias esta vida atrás,

Já esse S' l se me pôs,

Já mais me não amanhece,

Todo o bem já me anoitece,  
 Se o esplendor, que mo deo,  
 Já me desapareceo,  
 E se ao occaso, que te esconde,  
 Pergunto por ti: responde,  
 Morre tu, que ella morreo.  
 Morreo aquelle esplendor,  
 Que o Sol já não quer q' eu veja,  
 Porque teve o Sol inveja  
 De que elle fosse mayor.  
 Os olhos do meu amor,  
 Que já presumido tem  
 De cegos não ser, não vem  
 Bem tão grande, luz tão alta:  
 Se a luz dos olhos me falta  
 Como hey de ver o meu bem?

Já as estrellas, que luziraõ,  
 Tomando liçoens de bellas,  
 Cahiraõ, porque as estrellas  
 De seus olhos já cahiraõ.  
 Se no Ceo, onde assistiraõ,  
 Por tal perda, com razaõ,  
 Ha tamanha confusaõ,  
 Ha tão tyranno tormento,  
 Que será no firmamento  
 Deste amante coraçãõ!  
 Como poderá em tal cruz,  
 Que de cruel tem a palma,  
 Viver hum corpo sem alma,  
 Ver-se hum objecto sem luz!  
 Pois morreste, sim, suppuz  
 Devia eu logo acabar;  
 Porém quero-te rogar,  
 Que me queiras conceder  
 Que eu viva, não por viver,  
 Mas só para te vingar.

*Reveste-se de ira.*

Furia! crueis, que nascestes  
 Da inhumana atrocidade,  
 E que a inhumanidade  
 Lá desse abyssmo trouxestes;  
 Pois que sempre appetecestes  
 Vosso augmento, subi logo,  
 E em meu coraçãõ vos rogo  
 Entreis, porque em seus desmayos  
 O soccorraõ quantos rayos  
 Tem a regiaõ do fogo.

Com vosso vigor se abale  
 O mundo, que assim se enfine,  
 Toda a torre se arruine,  
 Toda a fortaleza estale,  
 Nada já o ser pedra vale,  
 Fiquem todas inconstantes  
 As opacas, e as brilhantes.  
 Todas esta ira encerra,  
 Porque estaõ postos por terra  
 Os jaspes, e os diamantes.  
 Vassallos de honra, e primor;

*Sahem as pessoas, que se puderem ajuntar em duas átas, e ficaõ todas assistindo até o fim do Acto.*

Que attentos elogiastes  
 O objecto, que sempre achastes  
 Só digno do meu amor.  
 Este excessivo furor  
 Em vós quero repartido,  
 Tende, amigos, entendido;  
 Que em especial me agradais  
 Quando tanto vos irais  
 Por me véres offendido,  
 Alvaro, e Egas a virem  
 Sejaõ a hum sepo obrigados;  
 E coraçõens tão damnados  
 Pelas costas se lhes tirem.  
 Em quanto talvez sentirem,  
 O seus coraçõens veraõ;  
 Pois vivos lhos mostrarãõ,  
 Concitando-os a dizer  
 De que féras pôdem ser,  
 Vendo que de homens não saõ.  
 Oh se para defenganos  
 Navalhas tão cortadoras  
 Sem serem todos os dias  
 No decurso de annos!  
 Em tão rigorosos annos  
 Penariaõ justamente,  
 Nemi estranharã a gente  
 As suas infaustas fórtes,  
 Que he justa pena mil mortes  
 Da morte de huma innocente.

*Apparece hum throno, em que estava D. Iguez com aspecto de defunta sentada em huma cadeira, com coroa na cabeça.*

Daquella innocente, a quem  
O mal da desgraça minha  
Tirou a vida, que tinha,  
Mas não o throno, que tem,  
Alli adorá-la convém  
Por Senhora co' primor;  
Que eu, deste Reyno Senhor,  
Vos encarrego, querendo,  
Que, tanto a morte podendo,  
Possa mais o meu amor.

*Vão todos por seie beijar a mão á Rainha, e  
com a mesma ordem tornão para os seus  
lugares.*

N'um secco cadaver rude  
Huma flor se desigualá,  
O tempo tira-lhe a gala,  
Mas não lhe tira a virtude.  
Pode fazer que se mude  
A desgraça violenta  
A flor, que vos apresenta;  
Mas vede que lhe trocou  
A vida que lhe tirou,  
Pela efficacia que ostenta.  
Se com formosas razoens  
Foy já Rainha das flores,  
Seja-o hoje dos amores;  
Impéte nos coraçõens;  
Discretas ordenaçõens  
Tem o Reyno inflituido,  
Para lhe ser profeguido  
O mais solido respeito,  
Se o que a força não tem feito

Tem do amor concluido.  
Que viva, diga hum louvavel  
Affecto quando se acclama,  
Viva Dona Ignez na fama  
De historia taõ memoravel.  
Para que seja duravel  
A fama, que merecia,  
Conheça a Sabedoria  
Que em muitas, q' o mundo gaba,  
Com a morte a fama acaba,  
E que nesta principia.

*Corre-se a cortina.*

Siga ao Acto Magestoso,  
Em quanto a chorar me encerro;  
A pompa de seu enterro,  
Regio culto luminoso.  
Este Acto taõ poderoso  
Me mostre como convinha  
Exalte a consorte minha,  
Diga a quem o vir: Quem vés  
He quem morreo Dona Ignez,  
E refuscitou Rainha.  
Se quem pôde se pergunta  
Fazer em tal desventura  
Ser berço a sepultura,  
Dando a luz á luz defunta;  
A fama razoens ajunta,  
Que as difficuldades criveis  
Faz de animos invenciveis,  
*Todos.* E nestes vereis, Senhores,  
Que com forças Superiores  
Só o amor faz impossiveis.

**F I M.**

**F I M.**

# ADVERTENCIA.

**A** Ntes de chegar ao Convento das Religiosas de Santa Martha, nas cazas que ficaõ ao pé do Ministro de Holanda, junto ao nicho de Santo Antonio, se achará esta Comedia, como tambem as seguintes Operas, e Comedias.

Opera nova, intitulado: Stocles na Albana, ou Leoncia reconhecida.

Opera nova, intitulado: Dido desamparada. Destruicão de Carthago.

Opera nova, intitulado: Vencer se he mayor valor.

Opera, intitulado: Demofonte em Tracia.

Comedia nova, intitulado: A mais heroica virtude, ou a Virtuosa Pamella.

Comedia nova, intitulado: Caro custa o querer bem.

Comedia, intitulado: O mais heroico segredo, ou Artaxerxe.

Comedia nova, intitulado: Mais póde a criaçãõ, que o sangue. O Fidalgo rustico.

Açto Sacramental da degolaçãõ de S. Joã Baptista, intitulado: Ha mortes, que daõ mais vida.

E outras mais, que se ficaõ imprimindo, &c.

